

DEU BICHO: GRANDE RESENHA FACIT, CONTRAÇÃO E A VITÓRIA DO BANGU NO CAMPEONATO CARIOCA DE 1966

Helcio Hebert Neto¹

Resumo: Este artigo acompanha o debate acerca da influência do Jogo do Bicho no Campeonato Carioca de 1966, que terminou com a conquista do Bangu, a partir da *Grande Revista Esportiva Facit* da TV Globo. Durante as edições do programa, a discussão a respeito da associação entre a contração, setores da Ditadura Militar (1964 - 1985) e dirigentes de clubes de futebol veio à tona por meio do comentário esportivo. O objetivo do trabalho é enfatizar a relevância social da prática, que integra a cobertura especializada em veículos de radiodifusão, e compreender a relação entre esporte e política nesse período.

Palavras-chave: Jogo do Bicho; Grande Resenha Facit; Comentário Esportivo; Ditadura.

Deu Bicho: Grande Resenha Facit, contravention and Bangu's sports achievements in 1966

Abstract: This article focuses the debate about the influence of "Jogo do Bicho" on the 1966 Rio de Janeiro football Championship, which ended with the conquest of Bangu, throughout *Grande Revista Esportiva Facit*, on TV Globo. During the program, the discussion about the association between the misdemeanor, sectors of the Military Dictatorship (1964 - 1985) and football club managers came to light through sports commentary. The work aims to emphasize the social relevance of the practice, which integrates the specialized coverage in broadcasting vehicles, and understand the connection between sport and politics in this period.

Keywords: Jogo do Bicho; Grande Resenha Facit; Sports Comments; Dictatorship.

Dio Bicho: Grande Resenha Facit, contravención y la victoria deportiva de Bangu em 1966

Resumen: Este artículo sigue el debate sobre la influencia del "Jogo do Bicho" en el Campeonato Carioca de 1966, que finalizó con la conquista de Bangu, en la revista *Grande Esportiva Facit* de TV Globo. Durante las ediciones del programa, la discusión sobre la asociación entre sectores de la Dictadura Militar (1964 - 1985) y directivos de clubes de fútbol salió a la luz a través de comentarios deportivos. El objetivo del trabajo es enfatizar la relevancia social de la práctica, que integra la cobertura especializada en vehículos de radiodifusión, y comprender la relación entre deporte y política en este período.

Palabras Clave: Jogo do Bicho; Grande Resenha Facit; Comentarios desportivo; Dictadura.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é doutorando em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É formado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Comunicação, com habilitação em Jornalismo, pela UFRJ. É pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer na mesma instituição.

“Este jogo está no papo. Ou melhor, no meu bolso. Já cuidei de molhar a mão de dois homens deles. É mole pro Bangu” (MÁXIMO, 1996, p. 60).

O dirigente esportivo Castor de Andrade teria assim reconhecido, de acordo com o registro jornalístico acima, a sua influência sobre os resultados do Campeonato Carioca durante a década de 1960. O contraventor, ligado ao Jogo do Bicho, ocupou a direção do Bangu Atlético Clube em um período em que sua equipe profissional de futebol teve destaque no noticiário especializado por conta de bons resultados. A declaração, concedida nos bastidores a jornalistas, chegou ao conhecimento de João Saldanha, então comentarista do programa esportivo de mesa redonda *Grande Revista Esportiva Facit*, da TV Globo. No ar, Saldanha teria provocado o bicheiro e, por isso, sido obrigado a lidar com os seguranças do dirigente esportivo, que segundo relatos invadiram o prédio da emissora (MÁXIMO, 1966, p. 61). O episódio aparece em outros textos da mesma natureza (RIBEIRO, 2007, p. 202; LÉO, 2017, p. 80). O caso compõe o imaginário construído em torno da mesa redonda esportiva na TV, conhecida também como *Grande Resenha Esportiva Facit*.

A intenção deste artigo é abordar como essa atração televisiva para debates acompanhou as suspeitas de que o Jogo do Bicho interferia nos resultados para favorecer conquistas do Bangu. Com esse intuito, será analisada a campanha do clube da zona oeste carioca no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro de 1966, por meio das discussões da *Grande Revista Esportiva Facit*. Naquele ano, o Bangu foi campeão. A conquista, portanto, é posterior à investida antidemocrática que deu origem à Ditadura, em 1964.

As especulações são atravessadas pela conjuntura autoritária com que a mesa redonda convive. Tanto em trabalhos de cunho jornalístico (CASTRO, 1993; RIBEIRO, 2007; LÉO, 2017) quanto em obras acadêmicas (HOLANDA, 2013), o programa é considerado paradigmático. Um dos motivos para isso era a presença de nomes importantes, como o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues e a o jornalista e executivo de empresas de comunicação Armando Nogueira, além da participação do próprio Saldanha. Ao longo do trabalho, as mesas redondas esportivas são compreendidas como um gênero televisivo sustentado justamente pelo comentário (HERBERT NETO, 2019).

A prática, que integra a cobertura esportiva em veículos de radiodifusão, tem como uma de suas características predominantes a inclinação ao partidarismo (MCCARGO, 2012). Essa particularidade

justifica o fato de que desde a década de 1950, quando o gênero aparece nas grades brasileiras de programação, os debates não se limitem aos esportes. Pelo contrário: a trajetória das mesas redondas esportivas, ao longo de sete décadas, reforça que os comentaristas também discutiram aspectos culturais e políticos importantes na vida pública brasileira (HERBERT NETO, 2020).

São raros os registros do gênero passíveis de serem acessados para pesquisas. Devido à escassez de registros audiovisuais do programa da TV Globo, a investigação se dará por meio da divulgação dos debates na imprensa. Durante o período de análise, o *Jornal dos Sports* publicou a transcrição das discussões no dia seguinte a cada edição. Com o texto dos comentários, também eram impressos detalhes sobre o uso de recursos audiovisuais, referências a convidados e a ausências. Conseqüentemente, a pesquisa vai se ater aos registros publicados pelo veículo da imprensa esportiva.

Adiante, este estudo será dividido em três tópicos, seguidos de uma conclusão. No próximo item, será traçado um conciso histórico desse jogo de azar no Rio de Janeiro. O enquadramento ante a realidade carioca é importante ao passo que a pauta de assuntos discutidos pela *Grande Resenha Facit* e a área de atuação do grupo liderado por Castor de Andrade se concentram na capital fluminense. A seção seguinte constitui um empenho específico para localizar registros sobre a contravenção em ações recentes do Estado brasileiro para resgatar a memória do período ditatorial. Assim, a intenção será entender os vínculos entre a ação do Jogo do Bicho e o regime autoritário, em especial com militares do aparelho repressivo. O terceiro tópico consiste na análise dos comentários do programa da TV Globo durante o trimestre final de 1966 sobre a relação entre suspeitas que recaem sobre o Bangu e a vitória naquela edição do Campeonato Carioca. Por fim, serão expostas as considerações finais.

‘Fezinha’: o Jogo do Bicho no Rio de Janeiro

Por perceberem que o futebol e o Jogo do Bicho ganharam corpo no Rio de Janeiro quase simultaneamente, no ocaso do século XIX, Herschmann e Lerner (1993) propõem que seja repensada a inserção desses dois fenômenos sociais na cidade. Isso se dá em um instante em que a vida urbana floresce na então capital federal. Embora inicialmente idealizado para cobrir as despesas do zoológico municipal – daí o nome conferido às apostas –, isso rapidamente virou assunto policial: “A agitação em torno do jogo, um ano depois, já mobilizava toda a cidade, e a polícia resolveu intervir e proibir a loteria” (1993, p. 64). Os dois pesquisadores estabelecem um paralelo entre o que aconteceu com o Jogo do Bicho e tudo o que envolveu o futebol.

A modalidade, ao contrário das apostas, chegou ao Brasil por meio de grupos aristocráticos e de influência inglesa, mas se tornou popular com o passar das décadas (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 38). As

origens dos dois fenômenos pareciam diversas, mas a comparação entre futebol e Jogo do Bicho é facilitada pela percepção de que ambas se consolidaram em um momento da então capital federal vivia um processo de urbanização, que adotava como modelo as cidades europeias, com destaque para Paris. “Estratégia de ‘regeneração’ do homem brasileiro, procurou-se melhorar a imagem do Rio de Janeiro. Era preciso criar um modelo físico, concreto, no qual a sociedade se espelhasse. Era preciso ‘intervir’ para ‘regenerar’, deixar para trás a ‘cidade indígena’” (1993, p. 29).

Quando analisa o esporte no mesmo período, Melo (2001) se depara também com as apostas, presentes no dia a dia da cidade. Se anteriormente não existia um forte interesse dos cariocas, com o final do século XIX houve uma popularização desse hábito (p. 163). O turfe, outro fenômeno em voga à época, pode ser tomado como exemplo. De acordo com o autor, embora o aumento no gosto pelas apostas nos hipódromos fosse algo mais observável no âmbito das elites, não se pode negar que o costume influenciou muito a popularização da modalidade como um todo (2001, p. 164). A exploração ilícita do ato de apostar já era recorrente e eram requisitadas as ações policiais para esse controle (p. 165). A clandestinidade já era, portanto, um fato naquele momento.

Misse (2011) se debruça em cima do crime organizado e, em especial, de três frentes: o tráfico de drogas, o Jogo do Bicho e as milícias. Os três tipos de organização criminosa são empreendimentos que se definem pelo caráter clandestino, ou seja, por constituírem-se em mercadorias ilegais (MISSE, 2011, p. 22). De acordo com o autor, em todos seriam “constantes as acusações e denúncias de corrupção na polícia, especialmente na polícia do Rio de Janeiro. Há referências em grande quantidade atravessando décadas, primeiramente na relação com a prostituição, o contrabando e o Jogo do Bicho” (2011, p. 23). O autor estipula um panorama histórico acerca da atuação dessas quadrilhas e a ligação com os grupos paramilitares: na década de 1950, a chefia de polícia fluminense criou um grupo para executar pessoas entendidas então como criminosas; nos anos de 1960, agentes de segurança do Estado formaram a “Scuderie Le Coq”, com a mesma vocação justiceira; e, após o Golpe de 1964, os membros desses bandos tiveram suas atuações fortalecidas (MISSE, 2011, p. 21). “Essa política semilegal de extermínio prosseguiu durante a ditadura com o surgimento, a partir dos anos 1970, na ‘Baixada Fluminense’, a populosa periferia do Rio de Janeiro, de ‘grupos de extermínio’” (Ibidem).

Relatos memorialísticos e biográficos também aludem à presença de discussões, nas mesas redondas, sobre a influência da contravenção no futebol. O já mencionado confronto de Saldanha e Castor de Andrade que, àquela altura, era dirigente do Bangu, é uma memória constantemente evocada (MÁXIMO, 1996, p. 60). Militante do Partido Comunista, Saldanha teria denunciado no ar que o goleiro Manga, do Botafogo, teria cometido uma falha, propositalmente, para favorecer o Bangu, em 1967 (1996, p. 61). A acusação era de que o jogador teria

recebido dinheiro para facilitar o jogo. O comentário teria sido proferido na própria *Grande Resenha Esportiva Facit*, na TV Globo. Posteriormente, uma discussão teria ocorrido na sede do Botafogo entre Saldanha e Manga e até tiros teriam sido disparados por conta do entrevero (Ibidem).

Em outros trabalhos de autoria de jornalistas, o interesse de Castor de Andrade pelo Bangu aparece como um artifício para ampliar a influência da contravenção e, ao mesmo tempo, aumentar a aceitação social de seus líderes (OTÁVIO; JUPIARA, 2015). Castor se tornou também patrono do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, cuja quadra é vizinha ao bairro de Bangu (JENNINGS, 2014, p. 15). Como representante da agremiação, o bicheiro ajudou a fundar a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio, a Liesa, cuja fundação é interpretada como marco da transição do carnaval carioca para a iniciativa privada que, não obstante, manteve parte importante dessa expressão cultural sob controle de grupos criminosos (JENNINGS, 2014, p. 15; OTÁVIO; JUPIARA, 2015, p. 212).

Apesar de ter sido preso pela Ditadura, Castor de Andrade teve suas transações facilitadas pelas autoridades durante o período de exceção, de acordo com esses relatos jornalísticos (OTÁVIO; JUPIARA, 2015, p. 126). Reconhecido pela sua atuação com quadrilhas de contrabando, o contraventor haveria tido seus atos ilícitos ligados ao Jogo do Bicho ignorados sob a presidência do general Ernesto Geisel (2015, p. 126). O Serviço Nacional de Informação teria tramado para isentar Castor das implicações de seus crimes (2015, p. 198). Há relatos, inclusive, de que as famílias Andrade e Figueiredo, tinham negócios em conjunto (2015, p. 195). João Baptista Figueiredo foi o último presidente militar durante o período discricionário. Mesmo após 1997 – ano da morte de Castor de Andrade –, a relação entre autoridades, dirigentes esportivos e a família do contraventor continuou a ser mencionada pela imprensa.

O que exemplifica isso é o caso da morte do filho de Rogério Andrade, sobrinho de Castor, na explosão de um carro também na zona oeste do município (JENNINGS, 2014, p. 9). No entanto, esses acontecimentos não foram tratados por uma abordagem histórica mais minuciosa. Embora existam indícios de que o prestígio de lideranças do Jogo do Bicho, com destaque para Castor de Andrade, tenha tido implicações para a vida social carioca, como o futebol e o desfile das escolas de samba, é necessário recorrer a referências mais fundamentadas sobre o assunto. Apresentar outros dados, capazes de auxiliar na compreensão da amplitude dessa interação entre o Jogo do Bicho e o regime autoritário que durou de 1964 a 1985, é indispensável.

Jogo de azar: a relação entre a contravenção e a repressão na Ditadura

Esforços do Estado brasileiro para resgatar a memória de violações aos direitos humanos durante o período da Ditadura Militar, entre 1964 e 1985, identificaram a relação da contravenção no Rio de

Janeiro, especialmente do Jogo do Bicho, com o aparelho repressor do regime autoritário. Esse é o caso, por exemplo, da Comissão da Verdade do Rio (CEV-Rio). No relatório final do grupo de trabalho (2015), há referências a essa vinculação. De acordo com o documento, a 1ª Companhia de Polícia do Exército desempenhou um papel decisivo. O local compunha a Vila Militar, maior concentração militar da América Latina, e o texto afirma que o ambiente foi usado para prisão, tortura e morte de presos políticos (2015, p. 319).

O relatório indica que as violações ocorreram após o recrudescimento da Ditadura, com o Ato Institucional Número 5 – a partir, principalmente, de uma aula expositiva para cerca de 100 militares, no dia 8 de outubro de 1969 (Ibidem). Localizada entre os bairros de Deodoro e Realengo, na zona oeste, a 1ª Companhia de Polícia do Exército reuniu agentes que, posteriormente serviriam ou liderariam quadrilhas do Jogo do Bicho (2015, p. 320). A região em que se encontra é importante para compreensão do domínio territorial e político da contravenção fluminense: é necessário notar que Bangu é um bairro vizinho à Vila Militar, bem como à sede e ao estádio do clube homônimo.

As relações entre o Jogo do Bicho e o regime autoritário se espalharam após a década de 1970. A Comissão da Verdade do Rio aponta que a Ditadura “havia se imposto mediante múltiplas ações criminosas, entre as quais atos de terror praticados com o concurso de extremistas de direita. Mais adiante, utilizou a ‘banda podre’ da Polícia Civil” (2015, p. 389). O documento estabelece ainda que, na associação da contravenção com a repressão perpetrada pelo Estado, “o crime organizado funcionava subordinado às armas dos militares, os agentes da repressão multiplicaram as suas oportunidades de assassinar, sequestrar e ocultar cadáveres” (Ibidem). As ações dessas quadrilhas, entretanto, não ficariam restritas ao período ditatorial mais violento.

O relatório reconhece que a articulação entre torturadores e bicheiros foi iniciada antes da ofensiva antidemocrática contra o presidente João Goulart, em 1964, e que permaneceria ativa mesmo depois do processo de redemocratização (2015, p. 389). Se, com a distensão política, o aparelho de terrorismo do Estado perdeu força, essa conexão teria implicações inclusive para o campo da cultura popular, como a influência sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro: para exemplificar isso, o texto cita o Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor, em Nilópolis, na Baixada Fluminense (Ibidem). Além disso, esses militares participariam igualmente de bandos de justiceiros.

Embora tenha enfoque com abrangência em todo o território brasileiro, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) também apresenta informações da relação de bicheiros com a Ditadura. Houve até um caso de condecoração a uma das lideranças, com a Medalha do Pacificador com Palma, conforme aponta o Volume I do relatório final do grupo de trabalho (2014, p. 875). Ao listar agentes da repressão que também deveriam ser responsabilizados pelos crimes durante o período de exceção, a Comissão da Verdade do Rio de Janeiro oferece menção a uma

figura da repressão que, após o fim do regime militar, foi preso por envolvimento com o Jogo do Bicho (2015, p. 405).

A fase da Ditadura que será analisada com as edições da *Grande Revista Esportiva Facit*, da TV Globo, é anterior aos acontecimentos a que os relatórios finais das comissões pela memória se referem. No entanto, a mesa redonda sobre esportes também tem menções ao Jogo do Bicho. Antes de compreender de que forma isso acontece, é importante observar a configuração do programa televisivo que, em 1966, já havia deixado a TV Rio para chegar à nova emissora (HOLLANDA, 2013). Os debates eram transmitidos na faixa do fim da noite, aos domingos – tradicionalmente quando aconteciam as principais rodadas do futebol. Os comentários dos participantes estabelecem a atmosfera de confronto no ar e fundamentam prognósticos, análises, argumentações e contra-argumentações, mas mantêm um clima de bom-humor (HERBERT NETO, 2019b). Embora apareçam com diversas feições ao longo de todo esse período, as mesas redondas sobre esportes têm tradicionalmente dispostos no estúdio, em um formato de semicírculo, seus membros. Por conta dessas constantes alterações, observar esses programas exige uma abordagem histórica específica (HERBERT NETO, 2019a).

Em algumas configurações, é permitida a presença de convidados ocasionais, como é o caso do programa por ora observado. Apresentada por Luís Alberto, a mesa redonda da TV Globo reunia Nelson Rodrigues, José Maria Scassa, João Saldanha, Armando Nogueira, Flávio Costa, Vitorino Vieira e Doalcei Camargo. Durante o período investigado, este comentarista foi substituído por José Dias. Muitos dos membros fixos expressavam veementemente sua condição de torcedores. Rodrigues representava, assim, o Fluminense, ao passo que Scassa manifestava sua vinculação ao Flamengo e Saldanha, ao Botafogo. Por esse motivo, com os bons resultados do Bangu em 1966, somou-se à bancada Abrahim Tebet, com o intuito marcar a presença simbólica do clube da zona oeste carioca².

O programa já fazia uso do videoteipe, técnica apenas permitida pelo desenvolvimento no armazenamento das imagens pela TV, para exibir novamente lances importantes das principais partidas da rodada. Recursos audiovisuais são capazes de produzir sentidos que, explorados para retratar o futebol, criam ricas associações e tornam ainda mais complexa a relação entre a dimensão visual e o esporte (HERBERT NETO, 2021). Serão investigadas as edições da *Grande Revista Esportiva Facit* dos dias 16, 23 e 30 de outubro; 6, 13 e 20 de novembro; e 4, 11 e 18 de dezembro de 1966. A ênfase da pauta, ao logo desse último trimestre, foi no Campeonato Carioca. Apesar de terem sido citadas outras

² Rodrigues, Scassa, Nogueira, Camargo e Dias eram membros da comunidade jornalística, com passagens por veículos de imprensa escrita ou de radiodifusão anterior ao programa. Já Costa e Tebet integraram comissões técnicas e corpos diretivos de entidades esportivas, por isso pertenceram à comunidade esportiva. O caso de Saldanha é ambivalente: famoso por sua atuação em redações, também foi dirigente e técnico. Mais sobre a composição do programa em Herbert Neto (2020).

competições, como a Taça Brasil daquele ano, serão destacados os comentários acerca do torneio estadual. Isso se deve ao fato de que é no âmbito fluminense que a discussão sobre o Jogo do Bicho se insere de maneira mais notável.

‘Coincidências’: as suspeitas sobre a campanha do Bangu no Carioca de 1966

Na edição do 16 de outubro de 1966, José Maria Scassa e Armando Nogueira já concordavam que o time do Bangu era um dos principais concorrentes àquele título do Campeonato Carioca. Nogueira enaltecia sobretudo as contratações feitas pelo clube da zona oeste³. Na semana seguinte, o comentário de outro integrante da mesa redonda esportiva carrega um tom de sugestão sobre o ambiente que o país vivia. De forma bem-humorada, Nelson Rodrigues estabelece uma oposição: “Eu fiz a idealização do moleque, ou melhor, defendi a molecagem cívica do Almir porque o seu gesto foi patriótico. A molecagem a serviço de um time do Brasil deve ser defendida...”⁴.

Em seguida, faz referência a atuação criminosa dos contraventores: “Agora, num jogo entre brasileiros com brasileiros uma molecagem desse tipo é condenável. A molecagem é contravenção e deve ser combatida”⁵. Embora não cite diretamente o Jogo do Bicho ou o nome de uma de suas lideranças, a menção à contravenção, termo amplamente ligado às atividades dos bicheiros, precisa ser analisada com atenção. Em 30 de outubro, entretanto, a alusão à presidência do Bangu foi mais explícita. Quem proferiu o comentário nessa oportunidade foi José Maria Scassa: “Quero salientar o seguinte: a conduta serena do Presidente do Bangu ao ser interpelado por um repórter sobre a vitória do Flamengo, que teve mais chances”⁶.

Na mesma participação, o comentarista menciona nominalmente esses dirigentes do clube. “Acredito que a tenacidade dos dirigentes e jogadores do Bangu, daqui a dois anos, darão o Campeonato a esse clube. Estou louvando apenas o trabalho de dois homens que colocaram o Bangu no cenário do Campeonato, o presidente Eusébio e o seu filho Castor de Andrade”⁷. Depois dessas declarações, Nelson Rodrigues classificou Scassa de “víbora africana”, o que dá a entender que o comentário foi carregado de ironia. Em 6 de novembro, novamente de forma alusiva, Scassa afirma que a realização de um jogo entre Flamengo e Olaria no estádio de Teixeira de Castro, em Bonsucesso, tornaria mais provável a

³ Informação contida em “Maioria opina: gol do Vasco foi ilegal”, cujo texto foi publicado na página 9 da edição do dia 17 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁴ Informação contida em “Almir foi o réu na opinião da crítica”, cujo texto foi publicado em página sem número da edição do dia 24 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Informação contida em “Maioria opina: gol do Vasco foi ilegal”, cujo texto foi publicado na página 5 da edição do dia 17 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁷ Informação contida em “Maioria opina: gol do Vasco foi ilegal”, cujo texto foi publicado na página 5 da edição do dia 17 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports.

derrota rubro-negra. É que, segundo a avaliação do comentarista, os refletores não seriam capazes de iluminar bem o gramado à noite⁸.

Por isso, infere que houve pressão da federação para que a escuridão fosse negligenciada. Caso o Flamengo perdesse, o resultado favoreceria diretamente o Bangu, rival na disputa pelo título estadual. Nelson Rodrigues concorda com a falta de condições de Teixeira de Castro para a realização de partidas: “O Fluminense não irá jogar no campo do Bonsucesso”⁹. Ao apito final do árbitro, no entanto, o placar marcava 3 a 0 e sentenciava a goleada rubro-negra diante do Olaria. Na edição da semana seguinte, em 13 de novembro, Scassa apresenta um relatório de engenharia em um esforço para confirmar as acusações contra a iluminação: “Tenho aqui o relatório de um engenheiro-eletricista, competente, por sinal engenheiro-chefe da Refinaria de Manguinhos e ele diz que o mesmo não tem condições mínimas de iluminação. Seria necessário [haver] 320 lux e Bonsucesso só tem 80”¹⁰.

O comentarista critica novamente a necessidade de o Flamengo ter de jogar em estádios que não eram os mais indicados: o Maracanã foi utilizado, naquele período, pelo Tribunal Regional Eleitoral e, no caso da rodada daquela semana, a partida foi jogada em São Januário, com valores de ingressos muito superiores¹¹. Isso teria, de acordo com o comentário, um efeito negativo, fazendo com que a presença dos torcedores fosse menor. “Por que não se manteve os preços do Maracanã?”, Scassa prossegue, “como e por que se cobra Cr\$ 3 mil, a sol descoberto, chuva e dificuldade de condução? Os grandes prejudicados foram os clubes, porque os torcedores não puderam pagar o preço das entradas”¹². Saldanha expressa uma concordância com essa crítica: “O melhor, melhor mesmo, era a suspensão do Campeonato, com jogos intermediários posteriormente, mas no Maracanã”¹³.

Após a rodada da semana seguinte, os participantes da *Grande Revista Esportiva Facit* se reuniram para debater novamente o Campeonato Carioca. Na edição de 20 de novembro, Scassa insiste na suspeita de conluio: “O Flamengo teve que vencer duas vezes. A política, a antidesportividade dos seus coirmãos e a guerra fria”¹⁴. É explícita, então, a menção à influência política. Depois de reforçar isso, o comentarista demonstra a influência de um concorrente ao título no torneio. “E a partida. O Flamengo teve boa fé em adiar o jogo para quinta-feira, no ‘Estádio Mário Filho’, mas bastou que marcasse um amistoso,

⁸ Informação contida em “Zezé fica porque está cotado para Seleção”, cujo texto foi publicado na página 9 da edição do dia 7 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Informação contida em “Vasco trocou Paulo Mata por Boiadeiro”, cujo texto foi publicado na página 6 da edição do dia 14 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Informação contida em “Armando disse que o Botafogo foi ridículo”, cujo texto foi publicado na página 5 da edição do dia 21 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

para o Bangu vetar o adiamento.¹⁵ Conseqüentemente, as considerações de Scassa estabelecem quase uma relação de causa e efeito entre a interferência banguense e o arranjo político contra o Flamengo.

As suspeitas recaem, a partir dessa rodada do Campeonato Carioca, sobre o goleiro do Botafogo, Manga. O erro em uma jogada, contra o Bangu, foi decisivo para que o time alvirrubro se aproximasse do título. O placar final da partida foi 3 a 0 para a equipe da zona oeste. Apesar de adotar uma conduta mais ponderada do que a dos demais participantes, Armando Nogueira destaca a atuação desse jogador para o resultado desse confronto. “Com o Manga, jogando o que jogou hoje, o Botafogo vai ficar entre os piores do Campeonato. A vitória do Bangu foi a vitória do melhor time, que não teve dificuldade alguma, e momento algum. O Botafogo não sentiu, ao que parece, a importância da partida.”¹⁶ Já Nelson Rodrigues assume uma inclinação mais poética, capaz de enxergar naquela partida algo catastrófico: “Assisti [a]o Botafogo arriscar a sua última chance no Campeonato”¹⁷.

O tom exclamatório sublinha o erro de Manga, fator determinante para a derrota alvinegra: “Porque nem o escrete húngaro do Armando Nogueira sobreviveria aquele frango do Manga. Só daqui a duzentos anos, quando o frango for múmia é que se lerá um cartão: ESSE FOI O MAIOR FRANGO DA HISTÓRIA” (grifos da edição)¹⁸. Outras desconfianças são suscitadas ao longo do debate, como a de erros da arbitragem, apontada pelo médico convidado para esta edição, Hilton Gosling. “Para mim, o Botafogo teve um gol anulado, quando merecia já um resultado melhor. Sofreu um gol naquelas condições. Isso, a meu ver, deve ter influenciado no rendimento da equipe.”¹⁹

O apresentador Luís Alberto já inicia a edição de 4 de dezembro da *Grande Revista Esportiva Facit* com a pergunta: “Será que dessa vez teve amarelão?”²⁰. Assim começou a discussão sobre o confronto entre Bangu e Vasco, que terminou com a vitória banguense também por 3 a 0. O questionamento faz uso de um termo, comum no universo esportivo, que dá conta de uma incapacidade, repentina, de reagir às dificuldades impostas no jogo. A indagação contém uma suposição, mais implícita, de pagamentos para que a partida fosse facilitada. Ao que Abrahim Tebet responde, explicando que o Bangu tinha os melhores números do torneio. De acordo com o comentarista que representava simbolicamente o Bangu, era natural que o Vasco, que não ia bem no torneio, perdesse²¹.

De fato, existiu certo consenso entre os debatedores de que o Vasco era inferior tecnicamente ao Bangu. O posicionamento de dois participantes em especial reforçaria as afirmações nesse sentido. O

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Informação contida em “Mesa considera Bangu o provável campeão”, cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 5 de dezembro de 1966 do *Jornal dos Sports*.

²¹ Ibidem.

primeiro é Vitorino Vieira: "Não é moleza, não... é ruindade do time do Vasco, mesmo!"²². O outro é João Saldanha, que opta por usar traços hiperbólicos e metafóricos para avaliar a atuação do derrotado daquela partida: "O time do Vasco deveria saído fora. Ir jogar na África, na Patagônia, no Norte da Europa. A meu ver, o Bangu é o time mais afiado do Campeonato"²³. No entanto, novamente pairaria a dúvida sobre influências externas.

Coube novamente a José Maria Scassa aventar a possibilidade de a arbitragem ter sido favorável ao Bangu ao longo de toda a competição. "O Flamengo não teve a sorte do Bangu em estar empatado em 2 a 2 com o América e o juiz dar pênalti na última hora", insiste Scassa, "Um pênalti que não houve, segundo esta própria mesa, que decidiu por 9 a 2"²⁴. Depois dessa provocação, Abrahim ponderou que, em partidas contra Bonsucesso e Olaria, o Flamengo também teria sido favorecido²⁵. Contudo, nenhuma dessas denúncias seria a mais grave na mesa redonda daquela semana. Dois participantes sustentaram que houve sabotagem para afetar o desempenho da equipe rubro-negra na partida contra o Botafogo, que terminou em 1 a 1, em 4 de dezembro.

O primeiro a fazer essa acusação foi o comentarista José Dias: "Quero também dar uma notícia. Três jogadores do Flamengo ficaram intoxicados por terem tomado um cafezinho no setor 4 do Maracanã, antes do jogo de hoje. O Almir, o Osvaldo e o Jaime"²⁶. São mencionados, como é possível notar, até os nomes dos atletas prejudicados. Em momento nenhum, é conjecturado o nome por trás de tal ação. Adiante, é o ex-treinador Flávio Costa, também membro fixo do programa, que reafirma as suspeitas. "Eles foram atendidos pelos médicos do clube com todos os indícios de intoxicação e tiveram até que tomar vomitórios e laxativos."²⁷

O presidente do Flamengo, Veiga Brito, foi convidado para ser o entrevistado da edição. O dirigente esportivo reforça as suspeitas sobre os fatos recentes. "Eu comentei uma série de coisas que vinha acontecendo com o Flamengo: jogar nos campos do Olaria, Bonsucesso e Vasco contra o próprio Vasco, pênalti contra o América em cima da hora", enumerou²⁸. Brito menciona ainda "o frango que o Manga engoliu" e conclui: "como eu poderia interpretar agora o caso do Vasco, que entregou a rapadura"²⁹. Depois da lista de acontecimentos que teria prejudicado o clube, Flávio Costa instiga o dirigente: "O caso do café é mais uma coincidência, não?"³⁰.

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Informação contida em "Mesa considera Bangu o provável campeão", cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 5 de dezembro de 1966 do Jornal dos Sports.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

O debate fez com que João Saldanha também se posicionasse sobre as coincidências. "Bem, presidente, esse negócio do café é sério, mesmo. Aquele café ali perto dos vestiários, onde os jogadores vão, dá prá desconfiar, não? é um café meio maroto."³¹ Apesar dos estímulos para que denunciasses quem estaria por trás dessa sucessão de fatos, Veiga Brito não foi assertivo em apontar o responsável. "Sinceramente que não sei", desconversou o dirigente, "Pode ser outra coincidência". Armando Nogueira, em contrapartida, prefere se concentrar nas acusações contra o goleiro do Botafogo. "Vou levantar de novo a questão do Manga. Vou falar porque fui eu quem levantou isto aqui", afirma³².

Nogueira prossegue, "Como seu amigo particular, depois de ouvir suas palavras numa rádio disse o seguinte: 'o senhor foi infeliz nas suas palavras ou foi leviano'. Porque o senhor, para mim, não tinha nada que ligar o frango do Manga às coincidências"³³. Ao inserir a atuação do goleiro na lista de conspirações contra o Flamengo, as acusações comprometeriam a honestidade de um profissional íntegro. Em seguida, Nogueira concluiu: "Acho, então, que o senhor foi apenas infeliz em formular a frase sobre as coincidências que vinham envolvendo o Flamengo."³⁴ Veiga Brito se defende, afirmando que "não disse que iria falar com o presidente da federação sobre o frango de Manga. Disse que iria falar com ele sobre os problemas nos campos"³⁵.

O presidente do Flamengo finalizou ao afirmar que não participaria mais de "comédias" como aquela. Flávio Costa complementou a discussão: "O Flamengo, como qualquer time em final de Campeonato, deve tomar muito cuidado. A lição de hoje, do 'cafezinho', deve servir de exemplo para o futuro. Os jogadores não deveriam ter tomado o café, porque deveriam se preservar."³⁶ As suspeitas continuariam a aparecer na última edição da *Grande Revista Esportiva Facit* antes do fim do Campeonato Carioca de 1966, em 11 de dezembro. E Scassa seria o encarregado de persistir com as denúncias às vésperas da decisão: "Todos os adversários que enfrentam o Flamengo mostram essa resistência. O América, que perdeu lá em Bonsucesso, transformou-se. Aliás, é muito estranho que times não tenham mais ambições no Campeonato joguem dessa maneira"³⁷.

Novamente, vem à tona a partida em que houve o erro do goleiro Manga. "Times sem possibilidades ao título deveriam entrar em campo para jogar seu jogo e não jogar acima de suas forças. Eu, por exemplo, vi o Bangu treinar com o Botafogo. Acho estranha a conduta desses times, mas não

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

³⁴ Informação contida em "Mesa considera Bangu o provável campeão", cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 5 de dezembro de 1966 do Jornal dos Sports.

³⁵ Ibidem.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Informação contida em "Mesa vê raça do Fla contra Bangu técnico", cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 12 de dezembro de 1966 do Jornal dos Sports.

quero entrar no campo das adivinhações.”³⁸ A facilidade que a equipe cuja diretoria era composta por lideranças do Jogo do Bicho encontrava não seria, de acordo com Scassa, a mesma imposta ao caminho do principal rival. “Os times pensam que o Flamengo é formidável, porque todos põem 8 ou 9 homens na defesa, contra o Flamengo. Por que não fazem”, indaga Scassa, “isto com o Bangu?”³⁹.

Nesse instante, o destaque está em um comparativo entre a conduta dos jogadores do Botafogo contra o Flamengo, já que em 4 de dezembro, houve um empate de 1 a 1 entre essas duas equipes. O resultado diferiu da ampla vitória do Bangu sobre o time alvinegro, por 3 a 0. Depois de reiterar a suspeição do Campeonato Carioca, surge a seguinte provocação de Flávio Costa: “Será que isso não é, Scassa, alguma ‘coincidência?’”⁴⁰. As discussões seguem, até que novamente a comparação entre o comportamento do Botafogo volta à pauta, de novo pela voz de Scassa: “Um dirigente do Botafogo, que acaba de perder de 3 a 0 para o Bangu, e diz ‘perdi mas estou satisfeito, porque quero e torço para o Bangu ser campeão’. Então, isso não é treino?”⁴¹.

Como contraponto às suspeitas que pairavam sob o Bangu, o âncora Luís Alberto induz Abrahim Tebet a participar diretamente dessa discussão: “Disseram que o Bangu distribuiu Cr\$ 1 milhão e 100 mil aos jogadores do Botafogo para derrotar o Flamengo. Qual seria o do América para ganhar o mesmo Flamengo?”⁴². O questionamento, dessa forma, levanta a possibilidade de ter existido mais uma estratégia externa ao que aconteceu nos gramados para colaborar para a campanha. Não foi mencionado um aporte para que o time de General Severiano permitisse que o Bangu vencesse anteriormente, mas para que conseguisse endurecer a partida contra a equipe da Gávea⁴³. Chama a atenção a citação ao valor exato que teria sido oferecido por parte do apresentador.

Tebet desmente que a direção do Bangu tenha adotado essa medida: “Vou ser sincero. Evidentemente, os jornais disseram uma série de coisas que não aconteceram. Vejam a campanha do Bangu nesse turno. O Bangu só deu bicho aos seus jogadores”⁴⁴. A coloquial expressão se refere à premiação em dinheiro aos jogadores. A dúvida da bancada, então, era se o clube havia oferecido ou não bicho aos atletas do outro time. João Saldanha relativiza a gravidade do possível pagamento para que outros times consigam resultados favoráveis: “O Botafogo já deu dinheiro a time para ganhar jogo. Será que o Flamengo nunca deu dinheiro a ninguém?”⁴⁵. Nelson Rodrigues, contudo, lança luz sobre a passividade do adversário do Bangu na rodada do fim de semana: “Alguns

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Informação contida em “Mesa vê raça do Fla contra Bangu técnico”, cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 12 de dezembro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

jogadores do Fluminense, a partir de certo momento, não se empenharam. Pareciam não estar interessados na vitória contra o Bangu. Foi dito que alguns jogadores não queriam atrapalhar o caminho do Bangu. Isso foi uma interpretação dada⁴⁶.

Depois dessa intervenção, Scassa levanta a hipótese de conluio entre diretorias rivais do Flamengo: “Fausto, uma das maiores figuras do Bangu, um banguense extremado, foi ao vestiário do Vasco para agradecer o Presidente do Vasco pela derrota⁴⁷. A mesa redonda debateu ainda uma entrevista para uma emissora de rádio em que um membro da diretoria de São Januário se demonstrou contente pela goleada sofrida diante do Bangu, por 3 a 0, no dia 3 de dezembro. Após essa discussão, Scassa afirma que compartilhava da percepção de Nelson Rodrigues acerca da passividade do Fluminense: “O que o Fluminense jogou hoje foi muito pouco em relação ao que se poderia esperar. O Fluminense tinha obrigação de vender muito caro a derrota. Acho que hoje, não sei se foi pelo calor...”. Armando Nogueira, que tinha como característica a moderação nos comentários, adota o humor para reagir às declarações do colega de bancada – “Perdoe a rima, você acha que foi pelo calor ou pelo Castor?”.

Foi uma das raras menções diretas ao bicheiro na *Grande Revista Esportiva Facit*⁴⁸. E eis que em 18 de dezembro de 1966, no Maracanã, o Bangu goleia o Flamengo por 3 a 0 na final do Campeonato Carioca daquele ano. Com o resultado, o clube comandado pela família do bicheiro Castor de Andrade venceu pela primeira vez o título estadual desde 1933. Após o fim da partida, os comentaristas se reuniram ante o cenário da TV Globo para debater o resultado. Ao contrário do que aconteceu até a última semana do torneio – quando a suspeição sobre a possível conspiração era reiteradamente evocada –, a edição apresenta um tom mais conciliatório nos comentários.

Logo no princípio, Tebet provocou: “Nelson, será que nós não tivemos amarelão dessa vez?”⁴⁹. Rodrigues destacou questões mais técnicas nessa resposta, ao declarar que “o único caso palpável de amarelo no jogo foi o do nosso amigo Valdomiro, que já tinha largado bolas atrasadas pela própria defesa. Há muito tempo não vejo uma partida provocar na cidade tanta comoção⁵⁰. Existe, então, um deslocamento do termo “amarelão” para aspectos mais ligados ao jogo. Se a primeira parte desse comentário se concentra no que ocorreu dentro do gramado, a segunda enfatiza o ambiente criado por conta do clima da decisão. Não há menção à conspiração para favorecer o Bangu.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Informação contida em “Mesa vê raça do Fla contra Bangu técnico”, cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 12 de dezembro de 1966 do *Jornal dos Sports*.

⁴⁸ “Mesa considera Bangu o provável campeão” (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1966, p. 7.

⁴⁹ Informação contida em “Almir: herói de uns e vilão para outros”, cujo texto foi publicado na página 7 do dia 19 de dezembro de 1966 do *Jornal dos Sports*.

⁵⁰ Ibidem.

Nelson Rodrigues prossegue, com verve poética: "Quando eu entrei no Estádio tremi sobre os sapatos, diante da torcida do Flamengo, que era assustadora. Milhares de bandeiras, circundando o Estádio Mário Filho, [isso] me deixou até arrepiado. É uma força a torcida do Flamengo, isto sem dúvida alguma"⁵¹. Apesar da presença da torcida rubro-negra, o troféu não foi levado para a Gávea. E um dos fatores apontados pelos componentes da mesa foi o comportamento do jogador Almir. Armando Nogueira foi um dos que assumiu essa interpretação: "Não me surpreende o que fez hoje o Almir, que conheço há muitos anos. Vi o incidente começar com o Almir dando um soco no Ladeira. Não tenho dúvida em responsabilizar o Almir pelos lamentáveis acontecimentos de hoje"⁵².

A partida registrou brigas de rubro-negros contra alvirrubros, o que exigiu um posicionamento assertivo da arbitragem. Depois de conjecturar sobre interferências irregulares do Bangu na condução dos jogos, até Flávio Costa foi menos exaltado ao avaliar o árbitro Airton Vieira de Moraes, conhecido como Sansão. "O Sansão não era uma pessoa grata ao Flamengo. Nós, no Flamengo, não estávamos satisfeitos com as atuações do Sansão. Não creio, porém, que ele tenha influído no resultado da partida, nem nas cenas lamentáveis registradas no jogo"⁵³. Mais uma vez, o programa teve a presença do presidente do Flamengo Veiga Brito. A conversa se dá, entretanto, de outra forma. À certa altura, João Saldanha perguntou ao dirigente se houve mais "coincidências" contra o clube. O dirigente negou, de maneira resignada, quaisquer chances de isso ter acontecido após a derrota para o Bangu⁵⁴.

Deu no poste: considerações finais

As perspectivas dos participantes da *Grande Resenha Facit* encontram eco em outro relato importante: o ex-jogador Almir, mencionado em várias passagens das transcrições do *Jornal dos Sports*, reitera as suspeitas a respeito da interferência de contraventores do Jogo do Bicho no resultado do Campeonato Carioca de 1966 em livro autobiográfico (ALBUQUERQUE, 1973). O antigo atleta do Flamengo reproduz a suspeita de que o goleiro de seu time na decisão daquela edição do torneio havia recebido dinheiro para facilitar a vitória do Bangu, mas também indica que o árbitro da partida não teria sido imparcial e, por fim, favoreceu a conquista do clube comandado pela família de Castor de Andrade (Ibidem).

A principal consideração sobre a discussão acerca da relação entre contravenção e futebol evidenciada pelo programa da TV Globo diz respeito à relevância do comentário esportivo como objeto de pesquisa. A

⁵¹ Informação contida em "Almir: herói de uns e vilão para outros", cujo texto foi publicado na página 7 do dia 19 de dezembro de 1966 do *Jornal dos Sports*.

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

despeito da impossibilidade de ter acesso à íntegra das edições da *Grande Resenha Facit*, o estudo da influência do Jogo do Bicho no Campeonato Carioca deixa nítido que por meio de uma abordagem histórica é permitido trabalhar com registros de publicações contemporâneas à programação televisiva, a exemplo do que é realizado com o *Jornal dos Sports*. O trabalho também destaca a importância do gênero televisivo das mesas redondas esportivas e sua capacidade de discutir assuntos da vida pública brasileira que transcendem o noticiário que acompanha as diferentes modalidades.

A avaliação das fontes é um exercício fundamental para o resgate dos momentos históricos. No caso acima, os programas de televisão não podem ser compreendidos como uma prova cabal de crimes, mas um acervo de interpretações a partir das quais é permitido ter uma compreensão mais ampla acerca dos fatos históricos. Portanto, as impressões dos comentaristas devem ser entendidas como elementos que compõem o contexto em que estavam inseridos. Antes de listar o que a observação das edições de 1966 da *Grande Revista Esportiva Facit* da TV Globo indica, é importante fazer ressalvas acerca do próprio programa.

Há a presença de versões distintas dos fatos ocorridos no Campeonato Carioca daquele ano. Não é possível tomar o debate como algo unívoco. Pelo contrário, é certa pluralidade que caracteriza o programa. Os recorrentes embates entre José Maria Scassa e Abrahim Tebet comprovam isso. Não é possível, todavia, afirmar que isso não seja uma estratégia para instigar o ambiente de confrontação nas discussões. Para se manter relevante, o gênero das mesas redondas esportivas apresentou, desde a década de 1950, esforços para incentivar a preservação de certa atmosfera de embate entre os participantes.

O conflito entre as interpretações de Scassa e Tebet também reforçam outro traço constitutivo da *Grande Revista Esportiva Facit*: o partidário dos comentaristas. Enquanto o primeiro, como torcedor do Flamengo, toma partido para denunciar uma possível conspiração contra o seu time, o segundo defende a normalidade do torneio, ao passo que não nega a sua preferência pelo Bangu. Além de destacar que a prática do comentário esportivos está vinculada a uma postura de tomar partido durante as análises da rodada, a mesa redonda exige que as pesquisas não incorram em simplificações grosseiras e levem em conta que as visões ali expostas não têm pretensão de aparentar neutralidade.

A primeira indicação apontada pela análise diz respeito à influência do Jogo do Bicho em resultados da competição estadual, em 1966. Apesar de ter a presença de inclinações distintas, o programa reafirma a suspeita de interferência da contravenção no futebol durante a reta final do torneio. As participações de comentaristas mais moderados, como Armando Nogueira, e até a menção aos valores de premiações irregulares supostamente pagas pelo Bangu, pelo âncora Luís Alberto, devem ser consideradas. Ao apresentador não cabe fazer interpretações acerca dos acontecimentos, mas mediar as discussões. A

citação por Luís Alberto dá a entender que tal assunto estava presente na imprensa especializada.

Se os relatos memorialísticos indicam que no Campeonato Carioca do ano seguinte Manga teria recebido dinheiro para facilitar o caminho do Bangu, em 1966 a desconfiança já pairava sobre o goleiro. O desempenho do jogador é uma das coincidências contra o Flamengo, apontadas pelos comentaristas da *Grande Revista Esportiva Facit*, ao lado das condições desfavoráveis dos gramados em que as partidas do clube ocorreram, da denúncia de distribuição de “bicho” para jogadores de outros times e da suspeita de sabotagem à delegação rubro-negra. O fato de essas acusações não aparecerem de maneira direta deve despertar dúvidas sobre o contexto político para a abordagem dos participantes.

O momento observado é anterior ao AI-5. Não obstante, o Golpe de 1964 já havia instaurado um regime de arbítrio, com a supressão de liberdades individuais. Daí a relevância de investigar a relação entre a contravenção e a Ditadura antes do recrudescimento da repressão. A CNV e a CEV-Rio registram as ligações do Jogo do Bicho com o aparelho repressivo pós-1968, mas o modo receoso pelo qual os comentaristas tratam o tema pode ser entendido como um reflexo do clima violento em vigor. Os debates apontam que, à frente do Bangu, o bicheiro Castor de Andrade tinha a intenção conferir mais credibilidade a sua própria personalidade. O futebol, importante elemento da vida pública carioca, serviria para aumentar a popularidade do contraventor, como reafirma a edição de 8 de janeiro de 1967 da *Grande Revista Esportiva Facit*: no ano seguinte à conquista, o programa repercutiu uma grande festa na sede do clube⁵⁵.

A compreensão sobre a abrangência do Jogo do Bicho na realidade social durante a década de 1960 pode ser decisiva para a interpretação de fenômenos contemporâneos sobre o crime organizado, especialmente das milícias no Rio de Janeiro. A exemplo do que o estudo da *Grande Revista Esportiva Facit* aponta sobre Castor de Andrade, é de vital interesse futuras pesquisas acerca das formas para aumentar a credibilidade social das lideranças dos grupos paramilitares, assim como a articulação de elementos da cultura popular com fins semelhantes.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Almir. *Eu e o Futebol*. São Paulo: Biblioteca Esportiva Abril, 1973.

CALDAS, Álvaro Machado; et all., *Comissão da Verdade do Rio – Relatório*. Rio de Janeiro: Nova Imprensa Oficial, 2015.

⁵⁵ Informação contida em “Scassa faltou ao churrasco do Bangu”, cujo texto foi publicado na página 7 da edição do dia 9 de janeiro de 1967 do *Jornal dos Sports*.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DIAS, José Carlos; *et alli*, *Comissão Nacional da Verdade – Volume I*. Brasília: Imprensa Oficial, 2014.

HERBERT NETO, Helcio. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil: um Universo para Pesquisa. In VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. *Anais...* Niterói, 2018. p. 532-541.

HERBERT NETO, Helcio. “Choose life”: Futebol como subversão no cinema, entre Trainspotting e T2. *Boletim do Tempo Presente*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 03, p. 54-68, 2021.

HERBERT NETO, Helcio. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidatismo no comentário esportivo na TV. In I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). *Anais...* Uruaçu, p. 46-63, 2020.

HERBERT NETO, Helcio. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. *Revista Aproximação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. Tanto a comentar: método comparado e os comentaristas esportivos no Brasil. In XIII Simpósio de História Comparada. *Anais...* Rio de Janeiro, p. 106-123, 2019.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. *Lance de Sorte: O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca*. Diadorim Editora: Rio de Janeiro, 1993.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. Mesas-redondas: da falação esportiva ao futebol falado. In HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. *Olho no Lance: Ensaios sobre Esporte e Televisão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 120- 147.

JENNINGS, Andrew. *Um Jogo Cada Vez Mais Sujo: O Padrão Fifa de Fazer Negócios e Manter Tudo em Silêncio*. São Paulo: Editora Panda Books, 2014.

LÉO, Alberto. *História do Jornalismo Esportivo na TV Brasileira*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2017.

MÁXIMO, João. *João Saldanha – Sobre Nuvens de Fantasia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MCCARGO, Duncan. Partisan Polyvalence: Characterizing the Political Role of Asian Media. In HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. *Comparing Media Systems Beyond the Western World*. Nova York: Cambridge University Press, 2012, p. 201-223.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva – Primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MISSE, Michel. Crime organizado e crime comum no Rio de Janeiro: Diferenças e Afinidades. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, V. 19, N. 40, 2011, p. 13-25.

OTÁVIO, Chico; JUPIARA, Aloy. *Os Porões da Contravenção: O Jogo do Bicho e a Ditadura Militar - A História da aliança que profissionalizou o crime organizado*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.

RIBEIRO, André. *Os Donos do Espetáculo – História da Imprensa Esportiva Brasileira*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

Publicações na Imprensa

Almir foi o réu na opinião da crítica (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1966, p. 7.

Almir: herói de uns e vilão para outros (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1966, p. 7.

Armando disse que o Botafogo foi ridículo (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1966, p. 5.

Fla é líder e mesa vê Flu e Bangu melhores (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1966, p. 3.

Maioria opina: o gol do Vasco foi legal (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1966, p. 7.

Mesa considera Bangu o provável campeão (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1966, p. 7.

Mesa vê raça do Fla contra Bangu técnico (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1966, p. 7.

O Vasco trocou Paulo Mata por Boiadeiro (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1966, p. 8.

Scassa faltou ao churrasco do Bangu (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1967, p. 7.

Zezé fica porque está cotado para a seleção (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1966, p. 7.

Recebido em 30 de setembro de 2021

Aprovado em 29 de maio de 2022